

Desenhos corporais dos índios kadiwéu (Brasil)¹

Body painting of the Kadiwéu Indians (Brazil)

Erna Zibert

Resumo: Esta é uma tradução do artigo *Razrisovka tela u indeytsev plemeni kadiuveo (Braziliya)*, escrito pela etnógrafa soviética Erna Zibert e publicado na revista *Sbornik Muzeya Antropologii i Etnografii* [Coleção do Museu de Antropologia e Etnografia] em 1955. O artigo se baseia em notas de campo e desenhos inéditos de Theodor Fjelstrup, etnógrafo russo, que participou da segunda expedição russa à América do Sul em 1914-1915. De agosto a outubro de 1914, Theodor Fjelstrup e Henrich Manizer, outro etnógrafo e linguista da expedição, estiveram entre os Kadiwéu, nas aldeias Nalike, Tarumã e Morrinho, onde coletaram material etnográfico e linguístico. No artigo original, Erna Zibert sistematiza os dados da expedição e de outras fontes sobre as práticas de desenhos corporais entre os Kadiwéu.

Palavras-chave: pintura corporal; Kadiwéu; segunda expedição russa.

Abstract: This is a translation of the article *Razrisovka tela u indeytsev plemeni kadiuveo (Braziliya)*, written by the Soviet ethnographer Erna Zibert and published in the journal *Sbornik Muzeya Antropologii i Etnografii* [Collection of the Museum of Anthropology and Ethnography] in 1955. The article is based on unpublished fieldnotes and drawings by Theodor Fjelstrup, a Russian ethnographer, who participated in the second Russian expedition to South America in 1914-1915. From August to October 1914, Theodor Fjelstrup and Henrich Manizer, another ethnographer and linguist of the expedition, were among the Kadiwéu, in the villages Nalike, Tarumã, and Morrinho, where they collected ethnographic and linguistic material. In the original article, Erna Zibert systematizes the data, both from this expedition and from other sources concerning body painting among the Kadiwéu.

Keywords: body painting; Kadiwéu; second Russian expedition.

1. História dos Kadiwéu

Os Kadiwéu, ao lado dos Toba, Pílaga e Mocoví, são os únicos representantes do grupo linguístico guaikuru, outrora numeroso e o mais difundido na área do Chaco. Os Kadiwéu contemporâneos constituem apenas restos da famosa tribo guerreira mbayá, enfrentada pelos aventureiros espanhóis que tentavam atravessar a região do Gran Chaco em busca do caminho às riquezas lendárias do Peru. No século XVI, os Mbayá habitavam vastos territórios ao oeste do rio Paraguai, aproximadamente do 20° até o 25° da latitude

¹ NT: O original em russo está disponível em http://www.kunstkamera.ru/files/lib/mae_xvi/mae_xvi_10.pdf. Nesta tradução, o texto foi dividido em cinco seções. Além disso, adequamos as citações das fontes bibliográficas às normas da ABNT e incluímos uma lista das referências ao final do texto.

sul. Por muito tempo, os Mbayá junto com as outras tribos guaikuru impediram a entrada dos europeus no Chaco.

Antes da invasão espanhola, as tribos do grupo guaikuru, inclusive os Mbayá, já haviam alcançado um nível bastante alto do desenvolvimento social: eles tinham aristocracia hereditária, os guerreiros constituíam um grupo especial e os cativos se tornavam escravos.

Na segunda metade do século XVII, alguns grupos mbayá emprestaram dos seus vizinhos ao sul, os Abípon, a criação de cavalos e se moveram para o norte, enquanto outra parte passou para a margem esquerda do rio Paraguai.

Durante os três séculos, os Mbayá e outras tribos guaikuru resistiram obstinadamente aos colonizadores espanhóis e portugueses, tendo transformado o Chaco em um “inferno verde”. Na sua luta contra os indígenas dessa região, os colonizadores lançaram mão de tudo (e os “santos padres” jesuítas também não lhes deixavam nada a perder): das expedições punitivas armadas até o comércio de cachaça, as entregas das roupas infeccionadas com varíola, os “tratados” de paz, o suborno e a traição.

O número exato dos Mbayá não se conhecia. O jesuíta Sánchez Labrador, que viveu entre eles de 1760 até 1767 (o ano em que os jesuítas foram expulsos dos domínios espanhóis na América), calculava a população de 7 ou 8 mil pessoas. Os viajantes da primeira metade do século XIX consideram que os Mbayá eram cerca de 2 mil pessoas. Em 1872, o seu número se reduziu até 850 pessoas.

Os Kadiwéu foram um dos grupos mbayá que, no início do século XIX, se estabeleceu na margem esquerda do rio Paraguai, não longe do seu local atual. No início do século XX, os Kadiwéu habitavam o sul do estado Mato Grosso (Brasil) entre os rios Nabileque e Aquidabán. A fronteira ocidental da reserva é o rio Paraguai, enquanto a fronteira oriental é a Serra da Bodoquena.

Atualmente, os Kadiwéu são cerca de 150 pessoas, que vivem em três povoados nessa reserva.

2. Modo de vida dos Kadiwéu

Em contínuo contato com brasileiros e recebendo tutela e “orientação” de um posto do Serviço de Proteção aos Índios, que se encontra dentro da reserva, os Kadiwéu em seu modo de vida se diferem pouco das camadas mais pobres da população rural “branca” que os cerca. Porém, embora os Kadiwéu conheçam a agricultura e a pecuária,

a sua economia até hoje se baseia na caça. Eles caçam cervos, veados, antas, javalis e outros animais. As peles de grandes animais são frequentemente vendidas.

A roupa masculina consiste em uma camisa e uma calça, feitas com um tecido industrial. A calça, porém, é muitas vezes substituída por um pedaço de pano que envolve os quadris. Normalmente, eles andam descalços e apenas quando, por exemplo, é preciso limpar uma grande área de terra para cultivo, “o Kadiwéu leva um par de sandálias grosseiras, recortadas de um pedaço de pele [...] e as coloca só quando chegar no lugar, para proteger os pés de plantas espinhosas” (Fjelstrup, manuscrito). Na cabeça, eles usam sempre um velho e macio chapéu de feltro, fabricado industrialmente, ou um chapéu de abas largas, trançado com folhas de palmeira.

As mulheres raramente vestem saias, camisas ou vestidos. Sua roupa usual consiste em dois pedaços de pano (na maioria das vezes, um chita barato). Um cinge os quadris, passa entre as pernas e, na frente, se enfia dentro do cinto. O outro, maior, chega até os joelhos. Ele é jogado nos ombros ou fixado em cima dos seios ou na cintura. Nesse último caso, o tronco é deixado nu.

Os Kadiwéu, sobretudo as mulheres, sentem uma grande atração por diferentes adornos: pulseiras, anéis e colares, feitos de moedas de níquel, contas ou miçanga.

Também podemos considerar como adornos as tatuagens, pinturas e desenhos do corpo (rosto, tronco, braços e pernas), que eram difundidos entre os Kadiwéu, outros grupos guaikuru e os indígenas do Chaco, de modo geral.

3. Tatuagem e desenho corporal entre os Kadiwéu e outros povos do Chaco

Ainda há algumas décadas, os indígenas (pelo menos, as mulheres) praticavam a tatuagem subcutânea. Encontramos indícios disso na literatura. Theodor Fjelstrup (manuscrito) escreve que uma mulher idosa “se lembrava claramente que o processo de tatuagem era muito doloroso e, gesticulando de um modo expressivo, contava que, depois do procedimento, o rosto ficava inchado durante 5-6 dias. Agora essa costume caiu em total desuso”.

Algumas tribos do Chaco tatuavam as crianças a partir dos 6-7 anos de idade, outras (por exemplo, os Mbayá) a partir da maturidade sexual. Primeiro, se desenhava um padrão simples ou linhas separadas nas faces, no queixo e na testa. Com o passar dos anos, o padrão se tornava mais complexo, novos motivos eram acrescentados. Não raramente, a execução de um padrão complexo era finalizada apenas quando a moça se casava. A tatuadora – via regra, uma mulher idosa – esboçava as linhas principais do padrão com

carvão e, depois, o tatuava com um espinho do cacto ou de outra planta ou com uma espinha de peixe. Algumas tribos utilizavam fuligem misturada com saliva, outras o suco do fruto de jenipapo (*Genipa americana* L.) ou cinzas de algumas espécies de palmeira.

A tatuagem carregava um significado social, indicando o pertencimento da mulher a um determinado grupo. As cativas ou as escravas dos Abipón tinham apenas 3-4 linhas pretas no rosto, enquanto as mulheres abipón de origem nobre cobriam seus rostos, braços e seios com numerosos e diversos padrões. As mulheres nobres dos Mbayá tatuavam seus braços dos ombros até os pulsos e, apenas raramente, cobriam o rosto com tatuagens, pois isso era considerado um indício da origem plebeia (Sánchez Labrador 1910: 285).

O costume da tatuagem, outrora seguido de maneira rigorosa, caiu em desuso paulatinamente. Os viajantes da primeira metade do século XIX notam que os Kadiwéu cobriam com as tatuagens o corpo e o rosto inteiros (é interessante notar que, muitas vezes, as metades direita e esquerda do corpo recebiam padrões diferentes). As escravas, que de modo geral pertenciam a outras tribos, também eram adornadas com padrões típicos dos Kadiwéu. Os membros da expedição Langsdorff encontraram entre os Kadiwéu uma mulher chamacoco, cujo rosto era coberto com tais padrões (Steinen 1899: 6).

Hoje em dia, a tatuagem está preservada apenas entre algumas tribos do Chaco. É raro encontrá-la e seus padrões são simples. As mulheres chulupi e macá cobrem suas faces com listras e losangos azuis após o casamento. As macá fazem uma tatuagem semelhante no queixo com a chegada da maturidade sexual.

A maioria das tribos da região perdeu a tatuagem, preservando apenas o desenho e a pintura corporais. Fjelstrup, ao mencionar o desaparecimento do costume da tatuagem, escreve no seu manuscrito que “apenas a pintura sobre a pele está preservada em larga escala”.

Com base nos dados presentes na literatura, podemos concluir que, antes, a tatuagem e o desenho corporal coexistiam entre as tribos do Chaco. Porém, a tatuagem era comum, sobretudo, entre as mulheres, já o desenho, ou mais precisamente, a pintura era característica dos homens. Talvez, isso se explique pela resistência da tatuagem, que não podia ser apagada. Ela servia de adorno para as mulheres, sinalizando a maturidade sexual e o pertencimento a um determinado grupo social, ou seja, definia uma posição social permanente. Já os homens se adornavam apenas em casos particulares, suas pinturas corporais eram usadas por um curto período de tempo e tinham um significado sobretudo ritualístico. Os guerreiros usavam uma tinta preta ou vermelha para cobrir seu

corpo inteiro com listras e manchas, antes de uma campanha militar. Porém, os guerreiros mbayá usavam apenas a tinta preta nesses casos, pois consideravam que a tinta vermelha, que lembra o sangue, trazia azar durante o combate. Eles usavam a tinta vermelha nos rituais de iniciação (Ribeiro 1951: 164). O corpo também era pintado antes da caça ou após o retorno de uma caça bem-sucedida, assim como para alguns jogos e danças rituais.

Alguns autores, como Métraux (1946: 282), consideram os padrões da tatuagem e do desenho corporal, que substituiu a tatuagem por completo, entre os Mbayá-Kadiwéu como “a expressão mais suprema dessa arte na América do Sul”.

4. Coleção de Fjelstrup

No Museu de Antropologia e Etnografia (MAE) de São Petersburgo, no setor da América Central e da América do Sul, está guardada a coleção trazida por Fjelstrup² dos Kadiwéu. Além dos objetos do cotidiano, o pesquisador trouxe esboços dos padrões que os indígenas desenhavam no rosto e nas mãos. A publicação dessa coleção apresenta um interesse etnográfico, pois na literatura russa não há descrições da pintura corporal entre essas tribos da América do Sul.

A coleção inclui 24 esboços feitos por Fjelstrup a lápis e tinta preta. Embora o autor não fosse um artista profissional, seus esboços representam com bastante exatidão diversos padrões. Há 18 esboços de padrões desenhados no rosto e 6 esboços de padrões desenhados nas mãos³.

Infelizmente, essa coleção não é acompanhada por uma descrição autoral. Fjelstrup faz algumas breves observações apenas no manuscrito de um artigo sobre os Kadiwéu. Daqui em diante, utilizaremos os materiais desse manuscrito quando possível.

Os esboços que representam rostos foram feitos em folhas de papel de carta. As linhas do rosto, os cabelos e os olhos, as linhas das sobrancelhas, do nariz e dos lábios foram desenhados a lápis, já quase todos os padrões a tinta preta líquida.

Estes desenhos podem ser divididos em quatro grupos de acordo com a localização dos padrões no rosto. O primeiro grupo inclui os desenhos em que os padrões estão localizados verticalmente no meio da testa, ao longo do nariz e no meio do queixo (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Desenhos faciais dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)

² Para mais detalhes, cf. Shprintsin (1947).

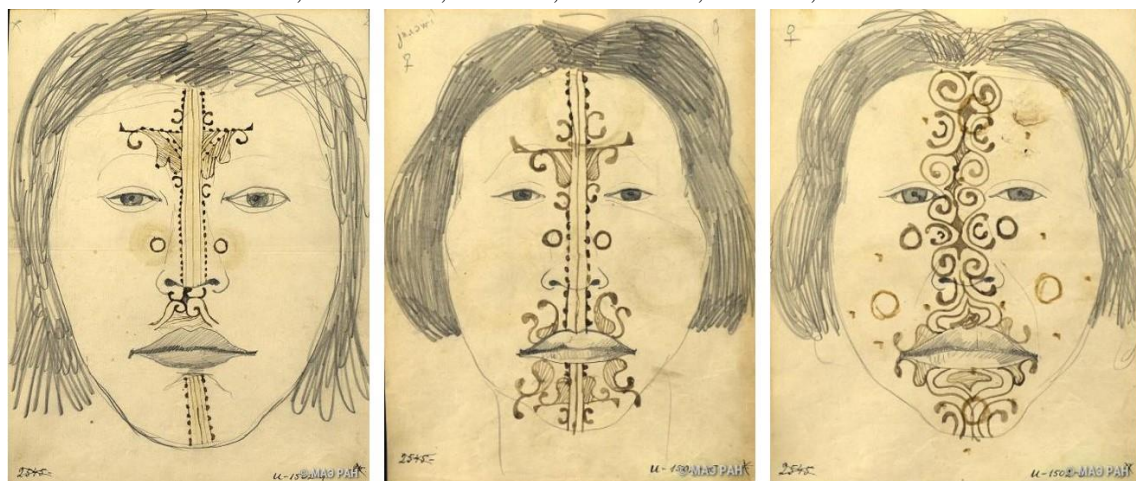
³ NT: O artigo original apresenta as cópias dos desenhos em preto e branco. Nesta tradução, elas foram substituídas pelas versões coloridas obtidas no site do MAE: <http://collection.kunstkamera.ru/en/entity/OBJECT?person=3496375ðnos=3506739>.

1 – MAE, n. II-1502-1; 2 – MAE, n. II-1502-2; 3 – MAE, n. II-1502-3⁴



Figura 2 – Desenhos faciais dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)

1 – MAE, n. II-1502-4; 2 – MAE, n. II-1502-5; 3 – MAE, n. II-1502-6



No segundo grupo, estão os desenhos nos quais os padrões têm a mesma localização que os do primeiro grupo, mas com o acréscimo de um padrão nas faces (Figuras 3 e 4).

Figura 3 – Desenhos faciais dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)

1 – MAE, n. II-1502-7; 2 – MAE, n. II-1502-8; 3 – MAE, n. II-1502-9

⁴ NT: Estes números identificam cada imagem e permitem encontrá-las no catálogo do MAE.

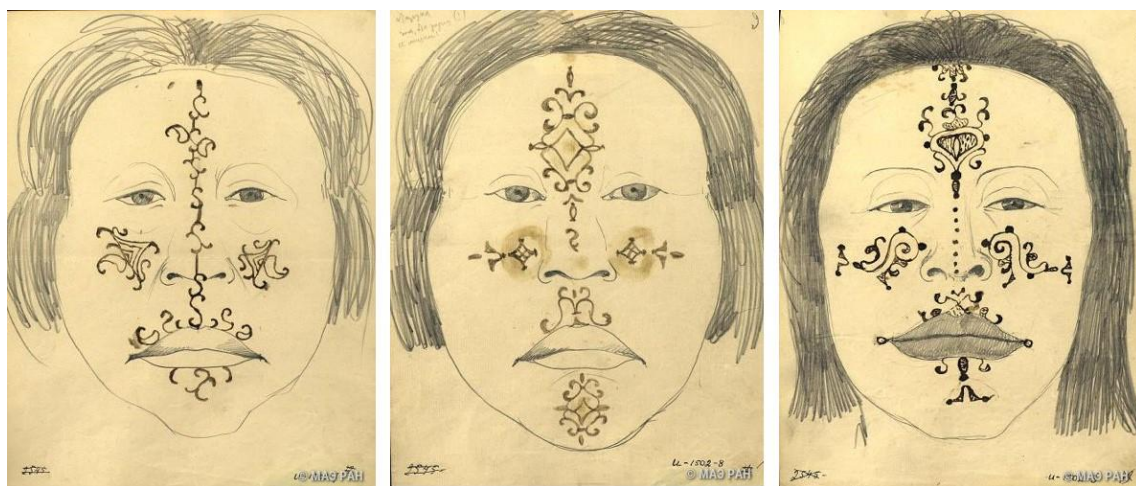
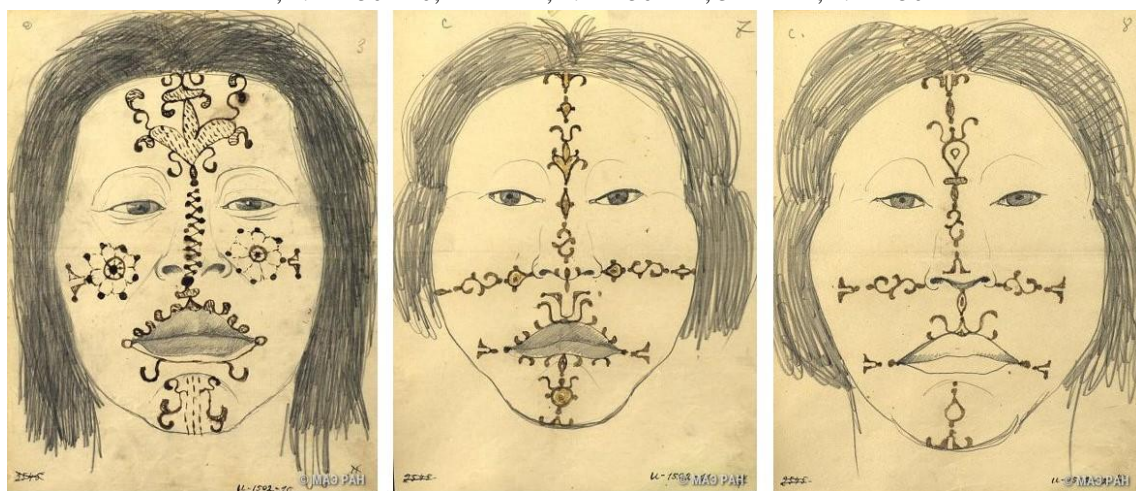
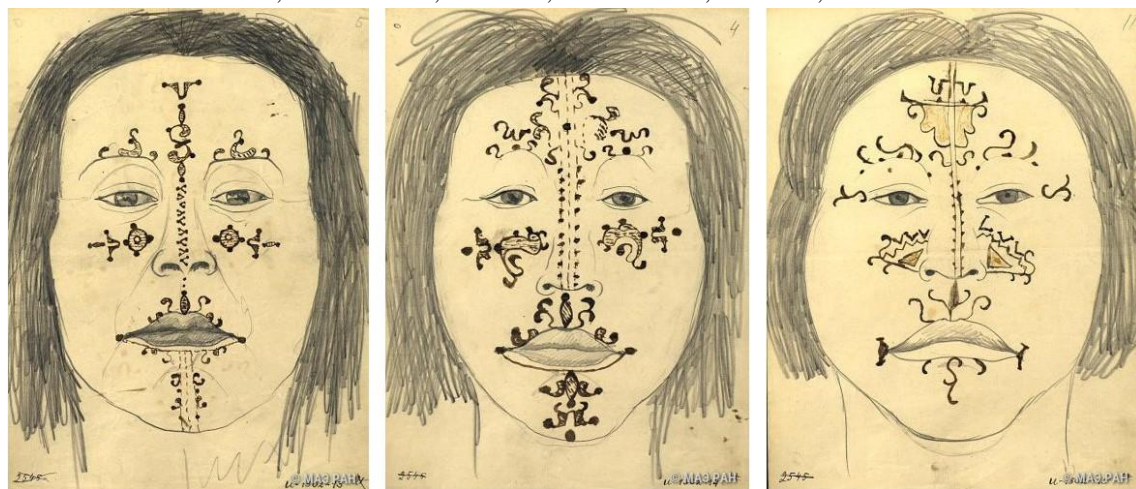


Figura 4 – Desenhos faciais dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)
1 – MAE, n. II-1502-10; 2 – MAE, n. II-1502-11; 3 – MAE, n. II-1502-12



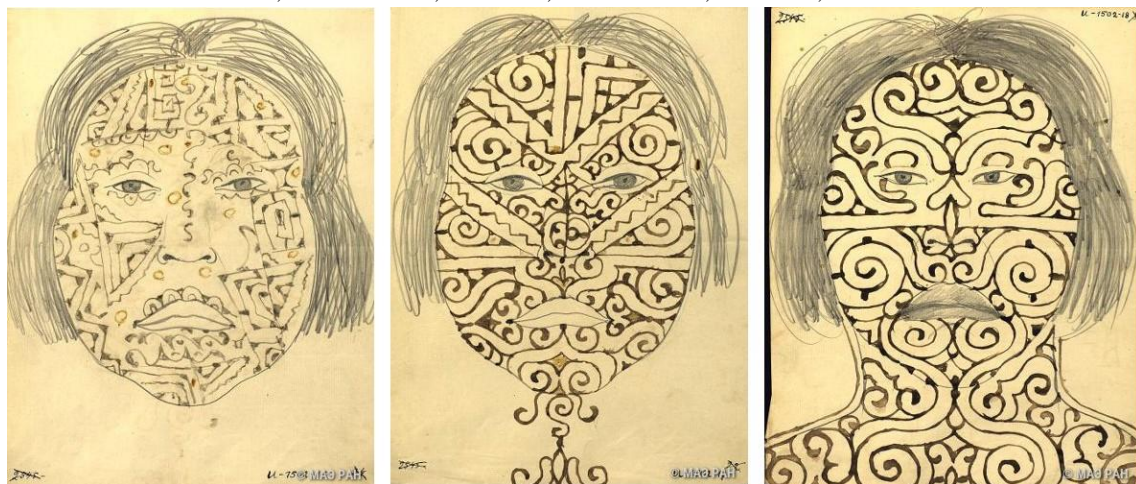
Nos desenhos do terceiro grupo, além dos padrões já mencionados, há também um padrão em cima das sobrancelhas (Figura 5).

Figura 5 – Desenhos faciais dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)
1 – MAE, n. II-1502-13; 2 – MAE, n. II-1502-14; 3 – MAE, n. II-1502-15



Os padrões do quatro grupo são os mais ricos, pois eles cobrem o rosto inteiro (Figura 6).

Figura 6 – Desenhos faciais dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)
1 – MAE, n. II-1502-16; 2 – MAE, n. II-1502-17; 3 – MAE, n. II-1502-18



Os desenhos do dorso da mão foram recortados e colados sobre um papel colorido pelo autor (Figuras 7 e 8).

Figura 7 – Desenhos de mãos dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)
1 – MAE, n. II-1502-19; 2 – MAE, n. II-1502-20; 3 – MAE, n. II-1502-21



Figura 8 – Desenhos de mãos dos índios kadiwéu, por T. Fjelstrup (1914)
1 – MAE, n. II-1502-22; 2 – MAE, n. II-1502-23; 3 – MAE, n. II-1502-24



Os padrões do rosto incluem detalhes menores e são mais diversificados que os das mãos. Nos desenhos dos rostos acima, podemos ver sequências de pontos, pequenos círculos, círculos com um ponto no meio, rosetas de oito pétalas (em um caso), “trevos”, figuras no formato de gota, parêntesis, coraçõezinhos, ângulos, meio círculos, linhas onduladas, espirais em par e no formato de S, muitos vezes acrescidos de pequenas curvaturas e linhas, ziguezagues, figuras no formato de meandro e de lira, entre outras.

Os pontos e as rosetas são colocados, na maioria das vezes, dos dois lados do nariz ou nas faces, os pontos – ao longo do nariz e no queixo. Já os demais padrões são desenhados no nariz, na testa, nas faces ou ao redor dos lábios e dos olhos.

Os padrões das mãos são menos diversificados. Nos desenhos em questão, encontramos espirais individuais, duplas e no formato de S, ziguezagues, retângulos esticados, ângulos, motivos no formato de meandro em degrau e padrões que lembram folhas duplas e triplas. Os padrões nas mãos são grandes em sua maioria. Assim como no rosto, eles se localizam de maneira simétrica ao longo do dorso da mão, cobrindo-o por completo. Em um caso, os padrões formam uma cruz. Nos dedos, pontos e linhas curtas semelhantes a vírgulas formam fileiras inclinadas, sendo mais frequentes que os padrões.

5. Características do desenho corporal entre os Kadiwéu

Além do corpo, os Kadiwéu cobrem com um padrão decorativo todos os utensílios domésticos. “As mulheres o imprimem com um pedaço de cadarço na argila mole da tigela ou do jarro que está sendo confeccionado, o trançam nas bolsas feitas de fibras; o homem recorta o padrão na cabaça para tomar mate, na flauta e no cabo da faca” (Fjelstrup, manuscrito). Chama a atenção a semelhança entre os padrões usados no rosto

e no corpo e os padrões que cobrem a cerâmica, as esteiras, as peles de animais e outros objetos do cotidiano⁵.

A ornamentação kadiwéu possui um caráter geométrico e, como dissemos acima, consiste em motivos de linhas retas e curvas. O caráter estritamente geométrico do ornamento se confirma, até certo ponto, nos nomes dos padrões, anotados pelo etnógrafo Darcy Ribeiro em 1947 e 1948. Segundo os indígenas, antigamente cada padrão tinha um nome especial. Infelizmente, muitos desses nomes parecem ter sido esquecidos. O autor conseguiu registrar apenas alguns nomes que indicam a parte do corpo ou do rosto que recebe o desenho (ex. *ono-ké-dig* ‘no nariz’, *odá-to-koli* ‘na testa’, *odo-ládi* ‘nas mãos’) ou denotam os elementos principais do padrão (ex. *nadjéu* para losangos, *lauí-leli* ou *náti-teuág* para espiral, *nikén-nar-nálat* para linhas cruzadas) (Ribeiro 1951: 159). Em vários casos, a tradução exata está desconhecida. Todos esses nomes têm relação com o lado formal dos padrões e nada nos dizem sobre sua semântica.

Alguns autores consideram que as missões jesuítas e colonizadores europeus influenciaram fortemente o estilo dos ornamentos kadiwéu. É difícil concordar com essa opinião, pois o contato dos Guaikuru com os europeus foi insignificante.

Ao mesmo tempo, não podemos excluir a possibilidade de que alguns motivos tenham sido emprestados por alguns artistas. Fjelstrup nota que as mulheres kadiwéu muitas vezes copiavam os ornamentos de origem europeia dos quais haviam gostado. Na aldeia onde ele morou, seu cobertor tirava a paz das mulheres, pois “elas achavam suas cores bonitas e seu desenho geométrico interessante, querendo muito tomá-lo como o modelo para seus trabalhos artísticos” (Fjelstrup, manuscrito).

Como um exemplo de empréstimo, podemos indicar o desenho nas faces do primeiro rosto da Figura 4. Nós não havíamos encontrado um padrão semelhante à representação de uma flor nem na literatura nem nos ornamentos dos objetos guardados no setor da América do MAE.

Todos os esboços trazidos por Fjelstrup são exemplos de desenho facial simétrico. A única exceção é o padrão que cobre o primeiro rosto da Figura 6, representando uma simetria incompleta do desenho facial, bastante característica para os Kadiwéu (acima, mencionamos diferentes padrões tatuados nas metades esquerda e direita do corpo).

⁵ A única exceção são artefatos feitos de miçanga, cujo ornamento é de outra natureza (geométrica e retilínea).

Os Kadiwéu preservaram o costume de cobrir o rosto e as mãos com desenhos, embora as antigas motivações sociais dos desenhos tenham desaparecido. Observando os Kadiwéu modernos, Fjelstrup escreveu:

As moças das famílias ricas passam a maior parte do seu tempo livre – que, no seu caso, dura o dia inteiro – sentadas ou semideitadas na cama, sozinhas olhando em um pedaço de espelho e desenhando no seu próprio rosto ou em dupla desenhando nos braços e na parte superior do corpo uma da outra.

As mulheres praticam a pintura corporal com muito mais frequência que os homens. Elas são principais artistas da ornamentação. Enquanto um homem só consegue enfeitar seu rosto com linhas e manchas grosseiras, mergulhando o dedo na tinta, as mulheres e moças cobrem seu corpos com composições bastante engenhosas, usando um conjunto de pinceis (um pedaço de algodão enrolado em um pauzinho de taquara). Por isso, naqueles casos relativamente raros quando o homem quer se cobrir com desenhos, ele se dirige a uma mulher. A esposa desenha no marido, a moça desenha no seu amado depois de uma noite feliz.

Todas as mulheres fazem desenhos corporais, mas algumas se destacam por seu talento artístico. Muitas vezes, essas são mulheres idosas, que acumularam uma grande experiência na tarefa. Outras pedem sua ajuda, retribuindo com serviços ou presentes. Desta maneira, podem dizer que entre os Kadiwéu têm surgido especialistas em desenhos corporais. Cada desenhista tem seus padrões prediletos, os quais ela combina e modifica.

A tinta úmida se remove do corpo com facilidade, por isso a artista sempre pode apagar o padrão do qual ela não gostou ou que não saiu bem. Depois de secar, o padrão dura na pele durante 5 ou 6 dias.

Muitos autores notam que os Kadiwéu não possuem estêncis ou moldes. Algumas tribos do Chaco usam carimbos recortados em madeira para passar os desenhos para o corpo. Os Kadiwéu também têm os carimbos, mas Fjelstrup escreve que não os viu sendo usados, “embora eles não sejam raros nos porta-joias das mulheres”.

Segundo o mesmo autor, os homens enfeitam apenas seu rosto, enquanto as mulheres ornamentam também a parte superior do corpo até a metade do peito e das costas, os ombros, os braços, os dorsos das mãos e as pernas da metade das panturrilhas até os pés. “É claro que nem todas as mulheres e nem sempre têm essa quantidade de desenhos pelo corpo”, acrescenta o autor.

Normalmente, o desenho se faz com uma tinta preta preparada com o suco de jenipapo misturado com fuligem e carvão moído, pois o suco fresco é incolor. Para passar

a tinta preta, usa-se uma lasca de taquara com um pedaço de algodão enrolado na sua ponta. A tinta vermelha é feita com as sementes do urucum (*Bixa orellana* L.).

Às vezes, essas sementes secas, cobertas com um pólen vermelho, são usadas no seu estado natural: a pessoa as guarda em um saquinho e, quando precisa, mergulha o dedo dentro e, depois, passa o pólen que grudou no dedo sobre a pele. Além disso, as sementes são lavadas em grandes quantidades, depois a água da lavagem é fervida até se formar um sedimento vermelho que endurece, tornando-se um pedaço mais ou menos duro. Para uma maior viscosidade, coloca-se um pedaço de cana de açúcar na tinta que está sendo fervida. (Fjelstrup, manuscrito)

Segundo outros autores, na tinta acrescenta-se mel. A tinta vermelha é usada muito raramente.

Por causa de um maior contato com a população brasileira envolvente, os Kadiwéu passaram a usar tintas compradas. Fjelstrup menciona tintas amarela e verde, mas nota seu “uso muito limitado”.

Pelas ilustrações presentes na literatura, podemos concluir que os desenhos faciais e corporais são até hoje realizados com grande minuciosidade. No que diz respeito a outros tipos de arte, eles estão em declínio entre os Kadiwéu. Ribeiro (1951: 152) registra esse declínio:

A produção para o comércio com os vizinhos neobrasileiros fez baixar a qualidade de muitos artefatos, como os trançados, os tecidos e a cerâmica. Hoje, só muito dificilmente, se consegue uma cesta, uma ventarola ou um vaso de barro de perfeita execução; o mercado não exige qualidade especial e não paga mais por um pouco de aprimoramento [...] A cerâmica sofre duplamente: de um lado os efeitos da produção para venda a compradores que não são capazes de apreciar seu valor ornamental, de outro a competição da lataria que invade as casas; é uma lata de querosene desbancando um antigo pote coberto de labores; são latas de conservas disputando a função das antigas panelas de barro e dos alguidares.

Referências bibliográficas:

FJELSTRUP, Theodor. **Manuscrito**. Museu de Antropologia e Etnografia, não publicado.

MÉTRAUX, Alfred. Ethnography of the Chaco. In: STEWARD, Julien H. (ed.), **Handbook of South American Indians**, v. 1. Washington: United States Government Printing Office, 1946, p. 197-370.

RIBEIRO, Darcy. A arte dos índios Kadiwéu. **Cultura**, n. 4, p. 147-190, 1951.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Católico**, t. 1. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910.

SHPRINTSIN, Noemi. Materialy russkoi ekspeditsii v Iujnuiu Ameriku, hraniashiesia v Arhive Akademii Nauk. [Materiais da expedição russa à América do Sul, guardados no Acervo da Academia das Ciências]. **Sovetskaya etnografia**, n. 2, p. 187-194, 1947.

STEINEN, Karl von den. Indianerskizzen von Hercules Florence. **Globus: Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde**, v. 75, p. 5-9, 1899.